

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 199	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	1 DE JULHO 1884	LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Está o cholera na Europa. Esta noticia que ha dias o telegrapho nos communicou espalhou o panico por todo o paiz. E o terrivel hospede entrou d'esta vez na Europa pela França.

Como?

As versões a esse respeito são contradictorias. Os primeiros telegrammas de Toulon diziam que o cholera fôra levado áquella cidade por um navio de Tonkim.

Depois, successivos telegrammas desmentiam a noticia da proveniencia: uns diziam que o transporte vindo de Tonkim não trouxera o cholera, que o porto de Tonkim está completamente limpo e que durante a viagem para França não houvera a bordo nenhum caso suspeito, outros diziam que o cholera manifestado em Toulon não era o cholera asiatico mas simplesmente o cholera sporadico, resultante das pessimas condições de hygiene e de salubridade da cidade de Toulon.

Mais tarde novos telegrammas contradizeram esta versão e affirmaram que o cholera era o asiatico, affirmativa que mesmo cá de longe, os medicos portugueses tinham logo feito em vista das estatisticas da mortalidade, da violencia do cholera e da rapidez do seu contagio.

Seja como fôr o que infelizmente é certo é que o cholera está em Toulon e que a estas horas a Inglaterra, que no anno passado foi tão violentamente accusada pela França da responsabilidade de abrir as portas da Europa ao medonho hospede asiatico, pôde dizer agora á França as palavras do Christo — «Atire a primeira pedra aquelle que estiver isento de peccado.»

Em Lisboa apenas se soube oficialmente a noticia, o governo convocou immediatamente, apesar de ser dia sanctificado, a junta de saude e decretou logo as primeiras medidas preventivas, quarentenas para todas as procedencias dos portos de França no Mediterraneo, medidas higienicas por todo o paiz, escrupulosa vigilancia quarentenaria, etc.

Mas, muito mais do que todas essas medidas, devem tranquilisar o paiz acerca da invasão da terrivel epidemia, a vigilancia enorme da nossa vizinha a Hespanha, que não recua deante das mais energicas medidas para se salvaguardar — salvaguardando-nos — da medonha invasão, e a energia intelligente com que a França luctará para localisar e esmagar em Toulon o horrivel flagello.

Não temos portanto motivo para nos aterrarmos nós portugueses: muito maior perigo corremos no anno passado, apesar do cholera estar muito mais longe, porque não tinhamos a guardar-nos tantas vontades poderosas, tantos enormes interesses que seriam gravemente prejudicados com a porpagação da epidemia: temos porém motivo e razão para nós acautelar-nos prudentemente, para lançarmos mãos de todos os meios prophylaticos do cholera, mais seguro dos quaes é inconquestavelmente a rigorosa hygiene, as condi-

ções de salubridade do nosso paiz, das nossas casas, o regimen da nossa vida.

Ha todas as razões para esperar que o cholera não sahirá de Toulon. A sciencia dos medicos francezes, a vontade do governo da França, as condições topographicas do Toulon que permitem o isolal-a completamente das cidades vizinhas, dão direitos a todas essas lisongeiras esperanças.

E depois Portugal está perfeitamente guardado; pelo mar, só uma negligencia criminosa dos laza-

retos deixaria entrar a epidemia, por terra guardamos, como já dissemos, toda a Hespanha, que estabeleceu já quarentenas escrupulosas nas suas estações limitrophes de caminho de ferro.

Não ha, portanto, repetimos, motivos para terrores, tanto mais que esses terrores são para assim dizer o maior flagello das epidemias.

Além d'isso o cholera já não é aquella mysteriosa peste antiga que entrava victoriosa por toda a Europa, essa sybilla sinistra que matava sem que ninguém se atrevesse a oppor-se no seu caminho.

Hoje o cholera está estudado como qualquer outra enfermidade, o seu microbio foi já descoberto, e se ainda se não descobriu o meio certo de o anniquilar, descobriu-se já o meio de o combater e muitos vezes victoriosamente, basta para conhecer isto, comparar as estatisticas da mortalidade do cholera cas anteriores, e ver ainda o que no anno findo se passou no Egypto, onde, ao passo que morriam aos centenares os indigenas que se recusavam a todo o tratamento, obsecados pelo fanatismo musulmano, os soldados inglezes, que se submettiam aos remedios dos medicos britannicos davam muito menor contingente para o registo obituario.

Antes de escrevermos esta chronica tivemos uma larga conferencia com um dos medicos mais illustres de Portugal, porque queriamos acerca do cholera, o grande assumpto de hoje, fornecer alguma coisa mais aos nossos leitores do que um pedaço de prosa mais ou menos correcta, banalidades mais ou menos rhetoricas acerca do terrivel hospede Asiatico.

O cholera é muito mais facil de curar, obedece muito mais ao curativo do que a febre amarella.

Tem peor de que esta, os casos fulminantes, que matam instantaneamente sem dar tempo a curativo algum.

A febre amarella nunca fulmina assim, tem marcha mais lenta, tem os seus periodos marcados e dá portanto logar á sciencia de tentar os seus esforços.

A outra vantagem da febre amarella sobre o cholera era até ha pouco tempo a regularidade do seu caminhar e a circumscripção da sua esphera.

Durante muitos annos a febre amarella nunca passou além de certa altitude, nunca se afastou de uma certa distancia das proximidades do mar.

Estas vantagens desappareceram ultimamente, a febre amarella começou a entrar pelo interior do Brasil, onde se julgava que ella nunca chegaria a invadir alturas a que se calculava que ella nunca subiria e até a atacar a raça negra, que por muitos annos se acreditou invulneravel á epidemia.

A descoberta do prophylatico do cholera tem sido ha muitos annos o problema da medicina.

Os homoeopathas dizem tel-o descoberto e apresentam estatisticas victoriosas, em que demonstram que quem usou d'esses preservativos nunca foi atacado pelo cholera, nem no momento mais violento das epidemias.

Esses prophylaticos homoeopathicos são tres remedios combinados, o Vera-



DIOGENES, ESTATUA EM BRONZE PELA SR.ª DUQUEZA DE PALMELLA (Segundo uma photographia de Rocchini)

trum, o *Cuprum metallicum* e o *Arsenicum album*, tomados de tres em tres dias, alternadamente durante todo o tempo que reinar a epidemia.

Além d'isso, os homœopathas aconselham como remedio infallivel logo que se é atacado pelo cholera, o espirito de camphora de Hannemann, e ha vinte e oito annos, quando o cholera nos visitou, apesar da homœopathia ser ainda quasi uma medicina desconhecida em Portugal, o espirito de camphora de Hannemann foi muito usado em Lisboa.

Os allopathas tem tambem experimentado com mais ou menos successo alguns preservativos.

Um medico inglez preconizou os preparados de cobre como prophylatico seguro, e em muitas e repetidas experiencias o resultado foi satisfatorio, mas no anno passado um medico inglez que partiu para o Egypto na força da epidemia, apesar de ir munido de todas as preparações de cobre, morreu do cholera apenas lá chegou.

Outro prophylatico descoberto por um boticario italiano, e preconizado tambem por um velho medico hespanhol, que estudou muito o cholera, é o enxofre.

No cholera das galinhas, que não é positivamente a mesma molestia, o enxofre é um prophylatico seguro, e segundo as experiencias do boticario italiano e do medico hespanhol, os preparados sulphurosos, as fumegações de enxofre nas casas, a agua preparada com enxofre, o enxofre em pó nas roupas, a limonada sulphurica tomada repetidas vezes, dão grandes garantias de segurança contra o cholera.

A maior, porém, de todas as garantias é o cholera não se aproximar de nós, e para isso o remedio seguro, é perfeita vigilancia nas quarentenas, é um regimen hygienico dos mais rigorosos, é a lavagem amiudada dos corpos, das roupas, e das habitações, é o acceio, é a agua, é a temperança, e acima de tudo isto ainda, é a Providencia.

As eleições para as constituintes que já pouco preocupavam o publico, muito mais indifferentes correram com a noticia do cholera que veiu chamar as atenções de toda a gente.

No dia 29 effectuaram-se as eleições em Lisboa, muito serenamente, sem grande concorrência e sem grandes enthusiasmos. Ninguem diria, ao ver o aspecto pacato das assembleas, que se estava fazendo uma eleição para a tão falada reforma constitucional.

O resultado definitivo da eleição não se sabe ainda nem se póde saber tão cedo, porque o processo de contagem de votos e de apuramento final é muito mais complicado e moroso pela nova lei.

Novidades theatraes em Lisboa não tem havido nenhuma importantes.

A companhia do Baquet do Porto que estava dando uma serie de representações no theatro do Gymnasio, terminou os seus espectaculos e voltou para a sua terra.

Não leva de Lisboa rios de dinheiro, mas leva bastantes applausos, e justos elogios.

Não ganharam dinheiro em nos visitarem mas ganharam reputação, e se como empzarios tem motivos para regressarem ás suas casas descontentes, como artistas tem razões sobejas para irem satisfeitos.

O publico e a imprensa de Lisboa fez-lhes justiça inteira aos seus dotes artisticos, e se as suas recitas não foram muito concorridas, se á porta do seu theatro não havia *queue* todas as noites, não era por falta de talento nos artistas e por falta de sympathia no publico, era por falta de interesse no reportorio, e por abundancia de calor na cidade.

N'outra estação e com outro reportorio estamos certos que a companhia do Baquet faria em Lisboa mais do que boa reputação, faria tambem bom negocio.

O theatro da Trindade fechou já tambem, e fechou com enchentes constantes que lhe valiam o *Boccacio*, e agora até setembro Lisboa só tem um theatro, o Colyseu, onde a companhia de zarzuela, apesar de ser das melhores que cá tem vindo, não tem feito grande fortuna.

E o mediocre exito d'essa companhia explica-se tambem pela mesma causa da falta de exito do Gymnasio — o reportorio.

Não que o reportorio da zarzuela dos Recreios seja mau, pelo contrario é bom de mais, e é isso que a prejudica.

As grandes zarzuelas lyricas como a *Marina*, o *Dominó azul*, não são do gosto do publico de Lisboa, que da musica hespanhola só quer as malagueñas, as habaneras, as peteneras, isto é, as notas caracteristicas da sua originalidade picante e exclusiva.

E é assim que se explica o grande exito que

em Lisboa tem obtido companhias de zarzuelas que não se podem comparar com a que está actualmente no Colyseu, nem pelo nome dos artistas, nem pelo talento e capacidade dos seus directores.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

DIOGENES

Estatua em bronze pela sr.^a Duqueza de Palmella

O nome tão illustre na nossa aristocracia e nas nossas Bellas Artes da sr.^a Duqueza de Palmella acaba de ser consagrado pela critica e pela arte franceza. A estatua de bronze de *Diogenes*, que hoje reproduzimos pela gravura foi exposta no *Salon* de Paris onde foi premiada e mereceu da critica os mais levantados elogios.

A estatua representa como se vê o celebre physopho cynico, erguendo á altura da testa a sua lampada com que em pleno dia procurava um homem pelas ruas da velha Grecia.

A estatua é de excellente execução. O gesto de Diogenes é muito humano e verdadeiro, o torso está esculpado com amplitão e arte, a physionomia tem originalidade e expressão, os movimentos dos braços tem vida, o olhar é precisamente o olhar de um homem que procura e não acha.

Uma critica franceza que temos á vista não poupa os elogios á illustre esculptora portugueza e diz que o trabalho da sr.^a Duqueza de Palmella é uma prova que ha em Lisboa ainda tradições da arte san e elevada.

BUSTO DE JOSÉ CINATTI

Evora, a famosa cidade romana, a querida de Sertorio, foi tambem muito estimada dos nossos reis. Alli habitavam grande parte do anno, alli deram festas grandiosas. Garcia e André de Rezende, naturaes d'ella, illustraram-a com os seus escriptos, Gil Vicente alli representou muitos dos seus autos, e Camões deixa bem ver que a conheceu de vista propria. Para corôa de tantas glorias alli foi creada a segunda Universidade de Portugal, que é pena se extinguisse, alli foram creados dois riquissimos depositos de livros e antiguidades, um por D. Theotonio de Bragança na Cartuxa, outro já nos tempos modernos por D. Frei Manuel do Cenaculo.

Com a extinção das ordens religiosas e da Universidade Evora soffreu muito, e hoje é apenas uma sombra do que foi.

Rejuvenesce porém, e pouco a pouco se vae levantando o seu lethargo.

Bastou que um artista de grande talento por acaso alli fosse, para fazer brotar o germen que por ventura se occultava no coração de alguns patriotas.

Effectivamente desde que José Cinatti alli foi, Evora foi a sua terra querida, porque lhe recordava a sua patria italiana. Elle teve o consolo de ser o primeiro que com mãos indignadas fez sair a primeira das pedras que mascaravam a mascula belleza do famoso templo de Diana. Desde então e com o melhor grado e dedicação se dispoz a ornar Evora. Projectou no passeio umas ruinas fingidas, em um pedaço de terreno annexo ao antigo paço real, e com tal arte o fez que a muitos tem illudido, julgando que são restos de uma construção antiga, embora a architectura seja antes imitação do arabe, que do estylo seguido em Portugal até ao seculo xvi.

Nós não poderiamos acrescentar mais nada ao que disse o nosso distincto collaborador que nos n.^{os} 40 e 41 do 2.^o vol. do nosso periodico escreveu o artigo commemorativo do notavel artista e por isso para elle remettemos os nossos leitores.

No dia 4 de maio ultimo, a camara pagou o tributo de gratidão á memoria do artista, erigindo no mesmo passeio o busto de José Cinatti. Esta obra de arte é devida ao talentoso esculptor Simões de Almeida, sendo uma das mais notaveis que tem produzido, pela energia que soube imprimir ás feições do artista; é de bronze e foi fundida na officina do sr. João Burnay. Está assim assignada: *Simões model. 1880. — Fundição João Burnay 1882.*

Na base do monumento lê-se a seguinte inscrição:

Á MEMORIA
DE
JOSÉ CINATTI
EVORA
AGRADECIDA
1884.

A ACTRIZ ISMENIA

Ha já muitos annos que em Lisboa o nome de Ismenia era conhecido como uma das maiores celebidades artisticas do Brazil.

Ismenia personificára para nós a ultima palavra do theatro brasileiro, como Sarah Bernhardt a do theatro francez, como a Pezzana a do theatro italiano, e Mathilde Diaz a do theatro hespanhol.

O seu nome aureolado pela fama, apparecia-nos envolto n'uma gloriosa tradição legendaria e hoje, a primeira vez que Ismenia vem a Portugal, é aqui conhecida e estimada como se fosse Lisboa o theatro das suas glorias, a patria dos seus triumphos, a terra da sua celebridade.

Ismenia dos Santos tem hoje 34 annos. Nasceu na Bahia aos 21 de novembro de 1850 de paes portuguezes, Francisco de Assis Brandão e D. Augusta Perpétua Sunega.

A sua educação fez-se n'um collegio da Bahia, e ahi, aos dez annos de idade, representando n'um theatro improvisado, o papel de protagonista no drama de Scribe *Estella*, tão grande talento demonstrou, tanta vocação dramatica revelou que alguns artistas que assistiam ao spectaculo, entre elles o João Gaetano, um actor celebre no Brazil, applaudiram-n'a com enthusiasmo e incitaram-n'a a seguir a carreira dramatica, a fazer d'aquella sua diversão de creança o primeiro passo da sua vida de actriz.

Isso e o que a pequena educanda queria era tudo o mesmo.

Sentia em si o demonio da arte a espicaçal-a, e forte com os applausos do seu restricto publico, e com os conselhos de applaudidos artistas, pediu a sua familia que a deixasse seguir a vida do theatro.

A familia oppoz-se tenazmente a isso, e nunca mais consentiu que ella frequentasse theatros publicos e só a muito custo permittiu que ella continuasse de vez em quando a ser actriz nas recitas do collegio.

D'alli a pouco, muito nova ainda, Ismenia casou, e tanto fez com seu marido que o resolveu a ir viver para a côrte, para o Rio de Janeiro e que lhe arrancou o consentimento para se escripturar n'um theatro publico.

Em 1865 Ismenia debutava, pois, em publico, no Gymnasio do Rio, na comedia em 3 actos, *Não é com essas*.

A sua estreia foi um successo e d'alli a seis mezes, Ismenia era a primeira actriz da companhia, d'alli a pouco mais, era a primeira actriz do Brazil.

Aquella lugar tinha-lhe sido dado pelos successos alcançados na *Helioisa Paranguet*, na *Filha do lavrador*, *Pastora d'Ivry*, *Pedro*, *Justiça*, *O actor*, *Demonio familiar*, *Barbeiro de Sevilha*, *Solteiros*, *Supplicio de uma mulher*, *Dalila*, *Familia Benoiton*, *Anjo da meia noite*, *Redempção*, *Intimos*, etc., o lugar de primeira actriz foi-lhe conferido pelo exito colossal que obteve na *Soror Thereza*, que apesar de toda a guerra das invejas mesquinhas representou na noite do seu beneficio, instigada pela grande Ristori, que a applaudiu enthusiasmicamente e que a foi comprimentar ao camarim no fim d'um dos actos.

A *Soror Thereza* consagrou-a grande actriz, e a sua reputação de então para cá tem-se accentuado cada vez mais brilhantemente na *Morgadinha*, *Froufrou*, *Estatua de Carne*, *Diabos Negros*, *Duas Orphãs*, *Madona das Rosas*, *Dama das Camélias*, *Judia*, *Filho de Coralía*, *Condessa Romani*, *Nana*, *Magdalena*, *Ferreol*, *Princesa de Bagdad*, e *Devorciemo-nos*.

Ismenia dos Santos está hoje na plenitude de todos os seus bellos dotes artisticos. O seu enorme talento tem sido realçado pelo conhecimento profundo da Arte de que é actualmente a maior gloria no Brazil; é uma formosa mulher, elegante, graciosa, de bellos olhos escuros, sympathica, insinuante.

Ha coisa de um mez a grande actriz brasileira veio visitar-nos e está ainda entre nós, onde se demorara algum tempo, para tratar da sua saude ligeiramente deteriorada.

O OCCIDENTE hoje, publicando o retrato da eminente artista, regista assim a chegada de tão illustre hospede a Portugal, e saúda-a na sua passagem pela nossa terra.

G. L.

PONTE SOBRE O ZEZERE

A respeito d'esta gravura, veja-se o artigo *Caminhos de Ferro do Douro*, já publicado.

NOSSO COMPADRE DIABO

I

Na ponta da aldeia morava um almocreve ciumento, que ao abalar de casa, nunca ia socegado com a fidelidade da mulher. — Ella enfeita-se quando eu parto atrás das mulas, ia elle sempre resmungando comsigo. — Hum! Por força deve haver no convento, fradalhão que lhe arraste a sandalia. Por vales e montes, aldeias e cidades, o pobre diabo não fazia senão dal-a de guarda a Jesu-Christo, e de quantos santos reza o calendario — Serão as rapozas manhosas, as alveloas leves, e as cadellas deshonestas? Pois a mulher inda as excede em maldade! — A d'elle era um pedaço para guardião, branca e vermelha a fazer seccuras de lingua: ella rija de carnes e fresca de haíto que nem as rainetas no cedo lhe ganhavam. Muito amiguinha de dar á lingua, isso era: e por cima de linguareira, ardente nos appetites, e gulosa por boas ceias ao canto do lume. A meio vale, entre vinhas e milharaes, o convento punha nos verdes uma nota alegre de calíça alva e repicadas de sinos. Agora na primavera, eram novenas sobre novenas, procissões ao longo dos rosmanninhos e carapeteiros em flôr, missas cantadas e primeiras communhões de raparigas. Por maneira, que se durante a noite era o convento a invadir a aldeia, durante o dia, por desforra, a aldeia em festa ia invadindo o convento. As lucarnas das cellas, quando as beatinhas saíam embiocadas nos seus capuzes de ver a Deus, vozes de noviços deitavam-lhes cantigas brejeiras. Por traz das gradarias asceticas, junto aos portellos da cerca, nos corcovos do caminho, ao cruceiro, na alpendroada, por aqui, por além, havia sempre fraditos desobrigando alguma desenxovalhada fregueza, amáveis penitentes que se deixavam guiar por elles ás penumbras bentas das capellas e rotulas de confissionarios: e suspiros que melhor di-reis arrulhos de pombos no cio, entremeavam-se com os susurros das rezas e questionarios sabidos da confissão. Todos os annos na aldeia havia coheitas de encher adegã e celleiro. Em termos de cada qual pensar que devia tamanha fortuna ás festas e missas cantadas do conventinho. Tudo alli prosperava, e a população sempre crescendo! Jamais em recanto de terra christã, haviam os frades bemerecido da gentana, mais entranhada confiança. Havendo tal que, se abalava a ganhar vida por outras terras, deixando o thalamo esteril, vinha ás vezes achal-o na volta bolindo de rapazinhos gordos e vermelhos, que por essas ruas já formavam confrarias, fazendo crnzes e outros desenhos nos muros frescos dos quintaes. Ora nem todos eram de boa bocca — sem ir mais longe, o almocreve. Elle bom trabalhador, quadrado, compadecido, cheio de brutas asperidades de caracter, gostava pouco de historias maganas de portas adentro. Cazára com a mulher por paixão, tendo-a namorado lá n'uma villa distante, ao passar-lhe á soleira para emborçar a sua quartilhada do tinto.

Desde o primeiro dia que o seu desejo fora vêr brotar um filho do ventre d'essa guapa moça que lhe tinha levado tanto a conquistar. Mas ia em quatro annos... — e aqui o miserio, suspirava, não havendo novas nem mandados da condecinha encommendada para França. Vae que esta rapariga calida, na ausencia do almocreve, punha-se a recordar robustezas de homens, que ao contrario do marido, a teriam feito fecunda, e sobre fecunda, eterna, atravez uma longa e proficua maternidade! Havia no conventinho um frade...

Ignorava o almocreve quem elle fosse, sem mesmo cuidar que a mulher pozera já fito n'outro macho; ciumento porem, vendo-a fria nos seus braços, exasperava-se, presentindosombra agoureira entre os dois corpos. Assim elle abalava, como era de uzo, atrás das mulas carregadas, movendo a mulher com as supplicas da sua pobre alma sangrenta de duvidas. Fazia primavera, e as seivas borbulhavam, cobrindo os troncos de rebentos e bolbos. Flores ao menor pretexto, por esses valados, encostas, planicies e regatos.

Por toda a banda paixões e ninhos, pollens esparsos, corollas ferteis, passaros perseguindo-se, e borboletas delirando de beijos nos calices tremulos, como em alcovasinhas perfumadas. Mundos em esboço, populações microscopicas e activas, innumeraveis pequenas republicas de malmequeres e alegre-campos, doidas kermesses de rozas selvagens, *menages* de violetas modestas, austeras confrarias de rosmanninhos, explosões de papoulas... Deitar os olhos sobre um trecho de valado, raio de sol, verme da terra, ou gotta d'agua, era sentir a alma propulsa a seguir o exemplo d'esses amores hillariantes que brotavam das relvas, da luz, e das vibrações das azas e das folhas.

Ao passar o cruceiro do convento, o almocreve

ouviu os sinos repicando com timbres de caçoada.

— *Tres! Tres!* fazia pressurosamente uma sineta, e a grialhada dos sinos acudia em confusão:

— *Ding-dong! Ding-dong!*

Elle ia a tirar o chapéo, a fim d'encommendar aos santos a sua honra de marido. E a sineta:

— *Treç! treç! Treç! treç!* — com tal insistencia d'escarneo que o pobre almocreve ficou meditando.

— Que é lá isso? *Treç* em minha casa? Nunca! Dois, sim; eu mal-a mulher, já que um filho não veio.

— *Treç! treç!*

— *Treç* diabos te levem, raio de sineta! gritou elle, enquanto que as vozes alvares do bronze iam gargalhando sempre:

— *Ding-dong! Ding-dong!*

O almocreve, furioso, carregou o chapéo até ás orelhas.

— Pois que a igreja manga comigo, encommendando ao diabo a guarda de minha mulher. Ouve, demonio?

Um grande cavalleiro surgiu da encruzilhada, alto, secco, de barba negra e esporas sangrentas, sobre um grande cavallo coberto d'espuma. O seu porte era de fidalgo, o rir de cynico, os olhos de gatuno. E por sob o gorro com pluma d'aguia a um lado, as sobranceiras uniam-se-lhe convergindo sobre o nariz, n'um tom d'indagação quasi terrivel. Trazia uma capa cabida do hombro, e o braço ao peito, d'uma queda que dera havia annos, inda o mundo não era nascido. Apenas o almocreve chamára, elle, parecendo sahir da terra, appareceu entre as sombrias oliveiras do caminho: e a distancia, estacado, dir-se-hia assumir em cada instante mais agigantadas contornaduras.

— Eh! eh! fez elle com uma formidavel rir de maldito; quando o meu collega Padre Eterno desampara os clientes, é que vocês se lembram do diabo. Para elle todos os bons fructos da terra, mas todas as causas perdidas para mim! E ahi vem mais este. Que me queres?

— Encommendando a vossa alteza lá a mulher, para que m'a guarde até eu voltar da jornada.

— Guardar mulher d'almocreve? Seria mais uma a illudir a minha vigilancia. Onde mora essa?

O almocreve disse onde ella morava. E o diabo em commentario:

— Tens a maior velhaca da povoação. Não te desfacas!

— Que? Pois eu já...?

— Inda não. Mas falta pouco.

O almocreve respirou d'aquelle grande peso.

— Mas com quem?... Homem que valha a pena?

O diabo esteve folheando a caderneta dos felizes.

— Conheces tu padre Braz?

— Ui, que desavergonhado! Pois ferro-lhe um balazio nos lombos!

O diabo riu.

— Não feras.

— Ferro!

— Ouve. Esse Braz é galopim do Padre Eterno; arranja-lhe beatas, tu percebes, missas de pinto; e d'ahi, menino, rouba menos cera que os outros padres. Depois, sempre prega!

— Prega! Prega! Mas vou acautelar-me.

— E Padre Eterno, como os ministros do teu paiz, tem muito medo aos oradores.

— Ao menos, concorda vossa alteza que é pouca vergonha.

— Espera, disse o diabo roendo as unhas pensativo. Eu e o Padre Eterno, todas as noites fazemos uma partida de damas, no terreno neutro do purgatorio...

— Bravo!

— Elle marca com as virtudes, eu com os vicios. Mas em boa moral, os vicios não se distinguem lá muito bem das virtudes. Exemplo: no amor, onde acaba a virtude e começa o vicio?

— Ahi está o que eu nunca pude explicar a minha mulher.

— Padre Braz lh'o explicará. Em termos, do Padre Eterno confundir já um pouco as minhas marcas com as d'elle.

— O que é isso?

— E vocês poderem entrar no céu sem trabalho nenhum. Lá estive eu hontem. O inferno é muito mais commodo em tempo frio.

— Em resumo, disse o almocreve. Vocês dois entendem-se?

— Uma pequenina sociedade, ajuntou o diabo modestamente. Elle é ainda poderoso. Eu ainda sou fino. Em casos graves conversamos: vou-me insinuando, insinuando... Imagina que vae pôr o Papa na rua.

— E viva!

— Deitar fogo aos conventos.

— E viva!

— Expulsar os frades.

O almocreve bailava de jubilo.

— Visto isso, tudo está fechado nas mãos de vossa alteza?

— Oh, não digo tanto

— Razão por que vemos coisas de Deus que parecem do diabo, e coisas do diabo que parecem de Deus. E minha mulher?

— Eis o difficil, confessou Satanaz. Porque se me tornei valido do Padre Eterno, sou ainda bastante cauteloso para não intervir nos negocios dos seus famulos. E padre Braz...

— Já sei como alcançar que m'a vigies. Vou pedir uma carta d'empenho ao Padre Eterno.

— Que? tens espirito? E quem o possui não vae para o céu. Por conseguinte, és dos meus. Guardo te a mulher!

— Cá me vou então com Deus ou com o diabo, visto ser a mesma coisa.

— Elle expulsou-me! fez surdamente o terrivel cavalleiro, mostrando o braço que trazia suspenso.

(Continúa)

Fialho d'Almeida.

SALVADOR CORREIA DE SÁ BENEVIDES

(Continuado do n.º 183)

Salvador Correia chegou á capital em má occasião. Os negocios da corte estavam em grande alteração. Havia partido de Portugal a infante D. Catharina, a fim de ir sofrer na Inglaterra todos os desares de partilhar a coroa com um rei devasso. O inf nte D. Pedro (mais tarde rei, 2.º do nome) havia sabido do paço, constituindo-se-lhe casa á parte, e o rei D. Affonso VI, por virtude dos successos conhecidos da historia, havia tomado as redeas do governo, nomeando seu primeiro ministro e escrivão da puridade o conde de Castello Melhor. A rainha viuva D. Luiza de Gusmão fora forçada a largar a regencia e a recolher-se ao convento do Grillo. A nobreza dividira-se em dois bandos, um que cortejava o infante, alimentando-lhe as ambições que o procedimento de sua mãe fizera rebentar em seu coração, outro que se acercava do rei e do valido, como era de direito e justiça. Os religiosos, nomeadamente os jesuitas, favorecidos e directores da rainha, conspiravam a favor do infante.

A interposição do conde de Castello Melhor no meio dos dois irmãos fizera retardar a catastrophe, que talvez estivesse preparada para então, mas que só veio a rebentar mais tarde, quando outra figura feminina, sem decoro e sem pudor, entrou em scena para representar um papel unico na historia e nada invejavel.

Não é pois de espantar que a chegada de Salvador Correia fosse pouco notada. Se o conde de Castello Melhor lançasse immediatamente mão d'esse homem superior, não eivado das machinações da corte, talvez os successos houvessem tomado outro rumo.

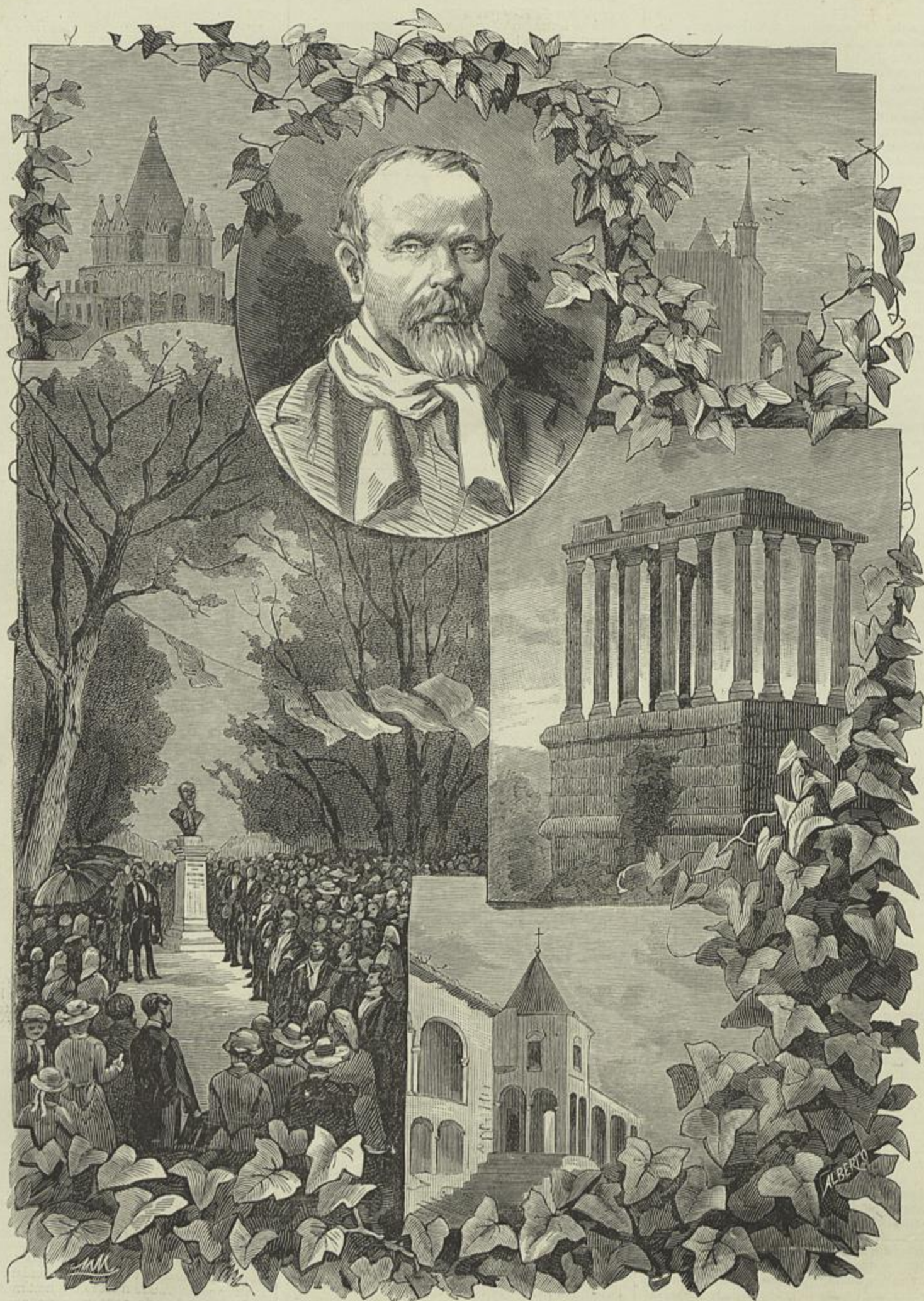
Não sabemos bem quando, mas é certo que algum tempo depois devia chegar á capital o resultado da correição feita no Brazil, segundo a praxe, aos actos do governador. Tambem não sabemos qual ella foi, e certo porém que com mais ou menos justiça Salvador Correia veio culpado. A sua fazenda no Brazil foi arrestada, comtudo vê-se que da parte do governo não havia animadversão a seu respeito, por isso que se lhe concedeu, em attenção aos seus merecimentos e serviços, que a fazenda continuasse a ser gerida pelos seus procuradores, entrando porém o rendimento liquido no deposito publico, como garantia da responsabilidade que lhe fosse liquidada.

Não é esta a unica concessão que mostra as boas disposições do governo a respeito de Salvador Correia, nos tempos em que não era raro ver os maiores fidalgos mettidos em ferros por suposições e crimes de consideração relativamente pequena, taes como Mathias d'Albuquerque, o conde de Villa Franca, D. Francisco Manuel de Mello, por isso que achamos que, quando lhe foi dada a capitania das provincias do sul do Brazil, a fim de proseguir no descobrimento das minas e sua lavra, lhe foram concedidas grandes vantagens nos lucros d'essa empreza, não podendo nós precisar se as accusações que lhe foram feitas, teriam tambem por fundamento alguma supposta fraude n'este commettimento.

Salvador Correia continuou no cargo de conselheiro do conselho ultramarino, é natural que fosse ouvido em assumptos importantes, sendo factó certo que por influencia do conde de Castello Melhor se deu o titulo de visconde da Ponte d'Asseca a seu filho mais velho, em attenção aos serviços proprios e aos de seu pae.

(Continúa)

J. B.



INAUGURAÇÃO DO BUSTO DE JOSÉ CINATTI, EM EVORA (Segundo um apontamento tomado do natural por Alfredo Keil)

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA
DO
DISTRICTO DE BEJA

NA
Tapada da Ajuda

É realmente importante o facto, que nos dá ensejo para escrever o titulo d'este artigo. Todos quantos lidam em assumptos agricolas, e não só estes, senão também aquelles que reconhecem o valor social que entre nós tem a empresa rural, mais de uma vez se tem lembrado de discutir a questão do Alemtejo.

E se um dos districtos d'esta provincia, tão notavel pela importancia da variada e excellente produção dos seus campos, dos seus oliveas, dos seus montados, e dos seus vidonhos, nos apparece na exposição da Tapada da Ajuda, n'uma instalação propria, digno se torna, por isso mesmo, de que acerca d'elle algumas palavras de merecido louvor se inscrevam n'estas ephemerides.

* * *

Região mais aberta, que nenhuma outra do paiz, pouco lhe desfaz, e até onde a vista alcança a egualdade na sua feição orographica, a planura sobreposta á planura; tão extensa é por vezes uma qualquer d'ellas. Para o corroborar podemos notar esta famosa zona agricola que todos conhecem pela denominação de *Campos de Beja*.

O districto, ou por tão summarias indicações, quaes são as referidas, ou pela sua constituição geologica e da propriedade agricola, é evidentemente de feição para empreendimentos agricolas de grande pujança. Seriam comtudo, estas, umas vãs aspirações de progresso se, a despeito mesmo dos ardentés dias estivaes que abraçam e cres-tam o solo, elle não affirmasse a



A ACTRIZ ISMENIA
(Segundo uma photographia de Camacho)

sua valia, na excellente qualidade e na importancia das suas produções.

A revelação d'estas verdades pertencia de certo aos intuitos geraes da exposição agricola; mas a accentuação do facto particularizado, incumbia ao conselho de agricultura do districto.

A instalação de que tratamos agora, tem por tanto para nós, nos seus principaes lineamentos, uma significação do mais alto alcance economico.

Visto á luz dos bons e verdadeiros principios conomicos, a propria critica, irreverente nas suas apreciações, ha de encontrar, sem custo nem sollicitações, uma palavra de applauso para a iniciativa illustrada, que nos permite apreciar, em mais desaffogadas condições, e como nenhuma outra agora, a agricultura do districto de Beja.

* * *

Simple e rustica, esta instalação, não pediu aos marmores as decorações das cidades. A riqueza florestal da região que representa, pediu os materiaes que a formam. No esboço, que é, de uma tentativa artistica, tem o cunho que nos fala da arte nos seus meneios rudimentares.

Um tecto de cortiça e colmo, quebrado na monotonia da linha recta, pelo arremedo de tres cúpulas, e tudo isto levantado sobre uns troncos não descascados de pinheiro.

É simple e caracteristico. Mais ampla, e também para mais adequada decoração interna, ficaria n'aquella nesga da encosta em que está situada, e como que ao abrigo das oliveiras que a ensombram, tão natural e verdadeira, como quadro, quanto valiosa nos productos que n'ella se recohem.

Nas exposições agricolas, é nossa intima convicção que todo o attra-



EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — PAVILHÃO OFFICIAL AGRÍCOLA E FLORESTAL (Desenho do natural por J. Christino e M. de Macedo)

ctivo, que superficialmente se lhes pôde imprimir, está em reproduzir n'ellas a feição campesina, não amaneirada com decorações que a tornem ridicula, pelo como que constrangimento em que a poem, mas engrandecida á luz da propria paysagem, que pretendem lembrar.

A instalação do districto de Beja approxima-se d'esta nossa concepção. Isto porém é assumpto secundario.

*
*
*

Sempre que se tem suscitado a questão da colonização do Alemtejo, e porque na solução está intimamente ligada aos preceitos da economia rural, uma cultura principalmente, lembra como auxiliar de taes propositos.

Pois muito embora essa solução não esteja ainda posta, podemos comtudo ver já o valor que para o districto de Beja representa a viticultura.

Não são simples ensaios da empreza viticola, os que os vinhos da Cuba e da Vidigueira nos representam, mas sim uma exploração importante e notavel quer pela quantidade, quer pela qualidade.

Com esta, podemos notar que outras explorações rivalisam, e taes como a olivícola, a cereali-fera e a dos montados.

Que notavel provincia não é o Alemtejo, e quão erradas são as apreciações que tantas vezes se fazem acerca d'ella!

As proprias industrias ruraes, cujo incremento, depende da facilidade dos transportes e do derramamento da instrucção, dada a existencia local das materias primas que reclamam, hão-de ter no Alemtejo um lugar proprio e indisputavel.

D'estas referencias se conclue que são trabalhos de primeira ordem para o progresso do paiz todos aquelles que definem com toda a exactidão possível, a qualidade a quantidade e a intensidade das forças que constituem os quadros da economia rural d'esse paiz.

E em relação ainda a este ponto importantissimo, são para notar os trabalhos de estatística agricola com que o conselho de agricultura do districto de Beja nos representa o importante concelho da mesma denominação.

Já d'elles fizemos menção no OCCIDENTE.

Resumiremos, portanto, algumas das suas indicações, e que nos parecem interessantes. Referem-se, como já dissemos, ao concelho de Beja.

A cultura do trigo abrange uma área de 24:298 hectares, cuja producção media está calculada em 2.074:173 decalitros.

A cultura da cevada, 6:435 hectares, cuja producção é de 734:436 decalitros.

A cultura da aveia, 3:605 hectares, que produzem 588:251 decalitros.

Os vidonhos occupam 1:766 hectares, cuja producção é de 3.238:826 kilogrammas de uvas, parte da qual transformada em vinho, produz 14:537 hectolitros.

Os olivae comprehendem uma superficie de

5:162 hectares, e a sua producção é de 30:972 decalitros.

Os montados abrangem uma área de 19:251 hectares, e occorrem á engorda de 12:824 cabeças de gado suino.

Se reunirmos o rendimento liquido de todas estas culturas, encontraremos a somma de 359:041.860 réis.

Deixamos de enumerar outras culturas e de apresentar maiores considerações sobre o assumpto, porque não devemos abusar da benevolencia do leitor, se não fomos já além do que nos era permitido escrever n'esta pagina.

F. Julio Borges.

MULHERES GREGAS

ASPASIA, SAPPHO, ERINNA, MYRO, TELESILLA, MYRTIS, NOSSIS, ANYTE, PRAXILA, CORINNA, ANAGALLIS, ARETA, HYPATIA, ELARA, PAMPHILE, ANNA COMNENA, EUDOXIA, IRENE.

(Continuado do n.º 195)

Uma phantasia romanesca, um capricho de gracioso engenho, suppuzeram vinculos que nunca poderiam ter existido entre Anacreonte e Sappho. Hermesianax, poeta que nos legou fragmentos muito recommendaveis, deliciou-se em representar o ancião de Téos, rodeado de donzellas lesbias, coroado de flores pela amante de Phaon, e mixturando com os accents apaixonados da filha da Eolia os seus cantos ligeiros e indolentes. Esta ficção, compendiada em poucos versos, citados por Atheneu, tornou-se o fundamento de um romance. Não quizeram desterrar para o dominio das chimeras uma pintura tão felizmente imaginada; a invenção de Hermesianax perpetuou-se. Sempre se tem visto nas praias de Lesbos, de purpleantes vinhas, Anacreonte passeando com Sappho. Outro poeta, Cameleão de Heraclea, deunos a continuação do romance; urdiu agradaveis versos com os quaes compoz um breve dialogo attribuido aos fingidos amantes. A maior parte das edições de Anacreonte trazem o primeiro d'estes trechos, evidentemente apocrypho, e a resposta, que o não é menos. De balde se buscará na seguinte imitação a magia, a melodia, o colorido, a pastosa suavidade do idioma hellenico, o mais voluptuoso de todos os idiomas conhecidos.

ANACREONTE

Eros, o deus do amor, paira no espaço
Sobre a frente do vate; estende o braço,
E o globo aereo que na mão sustem,
Globo de purpura onde brilha o ouro,
Cahir direito vem
Sobre a c'róa de louro.

«Sózinha em Lesbos na deserta areia
Sappho a tua presença, ó poeta, espera;
Segue os meus passos, vem commigo; eia!

Segui o infante pela azul esphera.

Ah! de Lesbos a filha,
De meus cabellos vendo a prata odiosa
Que em vez da escura cor de outr'ora brilha,
Fitou-me desdenhosa.
«Ancião, que q'reis de mim? Sacerdotiza
Do amor, o meu sorriso, a minha voz,
Os sons que a minha lyra immortaliza,
Guardo os eu p'ra mais moços do que vós.»

É preciso ler no original esta elegante ode. A resposta attribuida é tambem graciosa Sappho agradece á musa lyrica, amante e inspiradora do bardo de Téos, por ter dictado ao velho illustre a ode que deve immortalizal-a na memoria. Desgracadamente, na epocha em que se suppõe ter-se effectuado esse commercio de cumprimentos poeticos entre Anacreonte e Sappho, tinha aquelle tres annos e esta pouco menos de cincoenta, como vamos demonstral-o claramente.

Detenham'o-nos primeiro nas datas, excellentes commentadores. Segundo Strabão, Atheneu, Suidas e os marmores de Paros, Sappho estava na plenitude da sua gloria pelos annos 610 antes de Christo; foi á Sicilia no anno 592, pouco antes da sua morte. Trinta annos pelo menos depois d'esta viagem á Sicilia começou Anacreonte a adquirir celebridade (559). Em 525 foi viver em Athenas, onde teve por protector e patrono Hipparcho, que morreu no anno 514. Em 502 Anacreonte tinha pois tres annos, e a lesbia Sappho quarenta e oito bem contados. Combinem estas duas datas como lhes aprouver. Hermesianax e Cameleão, nascidos ambos tres seculos depois da sua heroina, zombaram da nossa credulidade; os poetas gregos faziam d'estas. Tudo lhes era permitido a troco da agradabilidade dos seus versos. O poeta comico Diphilo, contemporaneo de Menandro, atreveu-se a apresentar Sappho em scena, rodeada de suppositos amantes, de Archilocho, que florescera oitenta annos antes, e de Hipponax, nascido meio seculo depois d'ella. Por isto pode-se ajuizar da perplexidade em que se acharia um commentador que tomasse ao pé da letra as ficções d'este auctor de comedias!

Não se pôde duvidar que o poeta Alceu, esse transfuga, esse traidor que tambem soube cantar o heroismo e a patria, fosse contemporaneo de Sappho. Aristoteles traz uma breve quadra, cuja authenticidade attesta, a qual provaria até que as insinuações do poeta lyrico foram repellidas pela sua rival em poesia. Alceu diz a Sappho que treme, suspira e não se atreve a falar deante d'ella; Sappho responde-lhe arrogantemente que, se nada mau tem que dizer, o seu acanhamento lhe parece pueril. Vê-se que a idéa d'este dialogo não é muito profunda e que nenhum dos dous poetas extremou a sua imaginação. Todo o merito d'esta banalidade consiste na expressão, na lembrança que conserva e nos nomes que com ella se confundem.

Sappho, que houve por bem amar aos cincoenta annos de idade, e que, se desprezou o celebre Alceu, foi desprezada por Phaon, era por ventura bonita? A questão é muito controvertida. Na opinião de Alceu, Platão, Juliano, Plutarcho, Atheneu, Themistio, Anna Comneno, Damocharis o epi-

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 198)

IV

Os parentes pobres

As mulheres com as pontas dos dedos sacudiam distrahidamente os pequenos globulos que o vinho formava ao tresvasar-se pela toalha; outras divertiam-se juntando as migalhas do pão e sacudindo-as com a ponta da faca.

Gilberto sentia nos ouvidos uns zunidos exquisitos, seguidos de picadas por todo o corpo, como se estivesse sobre alfinetes.

— Então, mano Manuel, como vamos a respeito das caixinhas?

— Vamos bem, vamos.

— É o mano João? Não diz nada hoje?... Que tem? Doe-lhe a cabeça? É do tempo, não faça caso. Este tempo assim contende com o nervoso.

— Qual, eu nunca fui nervoso.

E deitou-lhe uns olhos que nem duas bombardas.

Gilberto até se fez vermelho.

Aquelle mano fôra sempre assim: pobre e soberbo.

D. Perpetua que estava alli representando o poder moderador, lembrou ao marido que trinchasse o assado.

Seguiu-se uma pequena pausa, e como ninguem tomasse a palavra, e um dos manos espirrassse, Gilberto de olho ficto no assado e faca em riste, perguntou-lhe:

— Vossê está constipado?

— É do rapé não faça caso, respondeu-lhe elle no mesmo tom do mano João.

— Tambeu eu me queixo. Estão fabricando agora um rapé detestavel; é mesmo serradura, fere o nariz á gente.

E dirigindo-se ás senhoras, que todas tomavam a sua pitada, consultou-as dizendo:

— Não é assim?

Respondeu por todas a mana Maria.

— Eu gasto do meio grosso, e dou-me bem.

— Oh! que peste! por isso a mana tem andado com o nariz em misero estado.

A mana Maria levou logo o lenço á parte incriminada, como receiando que todos olhassem para ella, e a achassem ridicula.

O marido acudiu explicando que não era do rapé mas do cieiro; que na sua qualidade de empregado na fabrica de Xabregas, lhe cumpria defender os contratadores e rebater as accusações que lhe dirigia o vulgo.

Estava completo o prato para ser servido, e achado o assumpto para entreter a sociedade até á sobremeza.

Gilberto poude condemnar o monopolio, pôr em relevo os vexames a que estavam sujeitos os povos por causa da pitada do contrato, e por ultimo resumir todos os seus argumentos n'esta phrase:

«É uma pouca vergonha!»

Faltava-lhe escandalisar tambem o empregado da fabrica de Xabregas.

E porque elle tentasse defender os patrões, Gilberto tapou-lhe logo a bocca afirmando que eram todos uma sucia de ladrões os quaes viviam á custa do seu nariz d'elle Gilberto e do nariz de cada um. D. Perpetua julgou mais prudente levantar a meza.

Pôz-se de pé collocou as mãos em attitude de orar, e todos a imitaram, n'esse acto já em desuso a que a piedade das nossas avós não faltava nunca.

Finda a prece cumprimentaram-se todos, Gilberto de palito na bocca deu beija mão aos rapazes e fez festas aos sobrinhos.

Este acto destruiu quasi inteiramente o mau effeito dos seus arrazoados sobre a educação dos filhos alheios, e ainda sobre a limpeza de mãos dos caixas do contrato do tabaco.

Algumas das manas sentiram-se internecidas.

D. Perpetua levou-as para á sala, e consentiu que os sobrinhos se recreassem

grammatista e do medico Galeno, foi formosa. Horacio faz d'ella uma virago. Ovidio nega-lhe a belleza do talho e da tez. Maximo de Tyro representa a velha, feia e, o que é peor, enamorada. Pope seguiu estes dados, consagrando entre os leitores modernos a idéa e a imagem de uma Sappho cheia de genio, abrazada de amor, mas horrorosa de figura. De modo que a testemunha mais completamente adversa, a mais damnosa á reputação de Sappho é um inglez, separado dous mil e quatrocentos annos da mulher de quem fala! Ovidio nasceu seis seculos depois de Sappho, e Maximo de Tyro um seculo ainda depois. Como dar fé a semelhantes assertos? Dous versos de Sappho, reproduzidos por Galeno, são o unico testemunho indirecto que se poderia empregar contra ella com alguma verosimilhança; e a nenhum commentador occorreu fazel-o. Sappho, n'esse distico, menospreza a belleza exterior e offerece em holocausto a graça e os encantos physicos á belleza moral, á virtude. Trivialidade que se traduz com estas palavras conhecidas de todas as mães: «Meu filho, vale mais a discrição que a formosura.» Por outro lado que indicio pôde inferir-se d'esse distico contra a belleza de Sappho? Madame de Staël, pouco favorecida pela natureza, era entusiasta da formosura: Carlota Corday, linda como um anjo, pensava como Sappho.

Que fosse grossa, atarracada e muito trigueira, como a pinta Ovidio; ou que o seu sorriso fosse divino, como o quer Alceu seu amante, e os seus cabellos mais lustrosos que o ebano; é negocio que não podemos decidir. Parece indubitavel que era muito morena e de baixa estatura. Damocharis dirige-se n'estes termos ao retrato de Sappho:

Deu te, divino artista, a natureza
As cores e o pincel que retrataram
De Mytilene a classica belleza.
Como é bella! que chispas se disparam
D'aquelle olhar que a phantasia accende
E do espirito a luz! Nas lizas formas
Quem a mais leve falta reprehende
Que vá quebrar da proporção as normas?
Tão perfeita mixtura
De viveza e doçura
Fazem que a moça lesbica se creia
Ser a um tempo musa e Cythera.

Outras vezes, fitos os olhos no sol poente, pensa nas delicias da noite, nas vigílias amorosas, nas longas orgias que não se esquivam em abrilhantar com a sua presença, e o seu goso prorompe em lyricos accents:

Salve, ó estrella candida, dos astros
O mais rico em fulgores divinaes!
Tudo tu das aos miseros mortaes
Benigna em teu 'splendor:
A paz ao homem volves, ao aprisco
A ovelha e á cabana da pastora
Do almo repouso a ineffavel hora.
Salve, fanal de amor!

Tal é a verdadeira poesia lyrica, cheia de impulso, de instincto, de paixão; uma simplicidade vehemente, um impeto vivo e candido constituem a sua verdadeira belleza. Burns e Béranger reuniram estes dotes singulares. O pouco que nos resta de Sappho é admiravelmente lyrico. Testemunha

aquella ode tão mal traduzida por Boileau em francez, e em inglez por Phillips, pintura eloquente, mas precisa, a analyse mais completamente exacta dos symptomas externos do amor. Não me assombra que um medico, como refere Plutarcho, copiasse os versos de Sappho para classificar-os entre os seus diagnosticos. Nunca houve poesia mais positiva; nunca mais intenso e concentrado vigor caracterizou uma pagina de prosa ou de verso. O rhetorico que escreveu o *Tractado do sublime*, conhecido com o supposto nome de Longino, fez um serviço eminente á historia litteraria, conservando esse fragmento unico, resumo de todas as novellas e de todos os tractados a que serviu de thema a paixão do amor. Quantas paginas affectadas, quantas frias imagens e vagos queixumes e descoloridas descrições não foram prodigalizadas pelos escriptores que tractaram a materia tão fecunda! Fatigam-vos essas affectações e loucuras, essas cores indecisas, esses traços apagados? Tornai a ler Sappho. A sua poesia não é, como irrisoriamente assenta Blair, sómente elegante; é a mais energica de todas as poesias. Quebra-se o verso de momento em momento; nem um epitheto, nem uma metaphora, nem vãos ornamentos; é a paixão succumbindo á sua propria violencia. Não encontrareis alli nem os *doços transportes* e os *brandos deliquios* de mr. Boileau Despreaux, nem a *alma transtornada*, nem o *vêo sobre a vista*, introduzidos por aquelle traductor, incapaz de comprehender e de reproduzir semelhante original. E muito menos achareis a mollicia melancholica do traductor inglez, John Phillips. Ambos teem muitos contrasensos, ou pelo menos muitos *extra-sensos*, que vem a ser absolutamente o mesmo. Sappho não diz como Boileau e Phillips:

Ditoso aquelle que junto a ti suspira.

O texto grego quer dizer *deante de ti, frente a frente contigo*. Em quanto aos suspiros, são invenções inteiramente modernas. Talullo é o unico que traduziu com fidelidade e talento o quadro pintado pela moça grega. Certo é que o idioma de que se servia, a lingua latina, presta-se maravilhosamente áquella imitação, e reproduz exactamente a energia e a simplicidade expressiva do dialecto eolio.

Rosto a rosto mirar-te a face linda,
Co'a tua doce voz inebriar se,
Quem o puder fazer, se é moço ainda,
Pode dos deuses emulo julgar-se.

Sorris? sinto em meu seio o desalento,
O coração palpita, desfalleço,
Se te encaro, os meus labios no momento
Tremem, e eu tremo também, e emmudeço.

Imovel fico, a lingua é presa, e logo
Em veloz chamma as veias se me accendem;
Da perturbada vista morre o fogo,
Vagos rumores os ouvidos fendem.

Em suor frio a frente se me inunda,
Pallida cór a banha, inerte cai;
Succumbem corpo e alma a dôr profunda,
A pouco e pouco a vida se me esvai.

(Continúa)

Francisco d'Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

CHOLERA MORBUS. Como já foi anunciado pelos periodicos diários, esta epidemia appareceu em Toulon fallecendo em alguns dias, certo numero de pessoas, e fugindo, por esse motivo, da cidade mais de oito mil almas. Espalhada esta noticia, e em tal quadra do anno, e assegurando-se que o flagello fôra importado da China, por um navio da esquadra que alli operava, regressado áquelle porto, é facil de reconhecer como o panico se espalharia por todas as povoações maritimas. É assim que vemos, que um caso, segundo se assegura, de colica-hepatica acontecido em Barcelona, deu logar a apreensões e sustos n'aquella cidade. Os diversos governos tomaram logo providencias sanitarias, e o de França, fundando-se no relatório de medicos de nomes bastante acreditados e respeitados declarou na camara que não era a cholera-asiatica mas sim a esporadica que se desenvolveu, sendo natural que com a desagglomeração da população e sua instalação em abarracamentos pelos campos, e com as mais medidas hygienicas mandadas adoptar, a epidemia ou doença se não propague, antes se extinga em breve. Assim o desejamos ardentemente; com tudo é bom estar precavido, e por isso não deixaremos de recomendar aos nossos leitores que empreguem todos os meios de limpeza e hygiene tantas vezes aconselhados, e que os aconselhem aos seus visinhos, e bem assim que se munam dos preservativos, ou elixires que em caso de epidemia são convenientes, para evitar a invasão ou modificar os seus effeitos.

EMPRESTIMO. Foi aberta a subscrição publica para o emprestimo portuguez de 19:000 contos de réis afim de se consolidar a divida fluctuante. Estimavamos muito que se regularissem as nossas finanças de modo que o orçamento da receita e despeza não denunciasses deficit algum, mas já que não podemos gosar esse prazer, folgamos porque a confiança publica no nosso credito seja tal, que o emprestimo fosse coberto quatro vezes. Não só em todos os bancos e casas bancarias a concorrência de subscriptores foi grande, mas principalmente no thesouro foi muito notavel, subindo a mais de tres mil pessoas. É um bom symptoma, mas era melhor o symptoma de não haver necessidade de recorrer a elle.

CULTURA DE CHÁ. O sr. Duff Dunbar comprou por dezoito contos de réis a quinta Davis no Funchal afim de a ir aproveitar para a cultura do chá.

POLYGAMIA. O ter mais do que uma mulher é permitido entre os musulmanos, e outros povos orientaes e selvagens, mas não entre os europeus, americanos, etc., salvo os *mormons*, mas contra elles já se desencadeou o governo dos Estados Unidos. Pois agora está preso em Newark um escocoz que, tendo ainda duas mulheres vivas, ia casar com terceira. Em tres annos casou com as duas. Que tal é o sujeito!

O RECLAMO. Não ha, como os americanos, ninguém que saiba aproveitar todos os ensejos para fazer reclamos. O seguinte factio é uma prova. Representava-se ha pouco em um dos theatros de

pondo á disposição d'elles o bello tuti-li-mundi que haviam offerecido ao menino do meio.

Entretanto falava do genio do marido, punha em relevo as suas bondades do coração, a loucura d'elle pelos filhos, o seu genio servical, e os esforços que fazia por obter bom deferimento ás mil pertenções da parentella des-empregada.

Melhores palavras nem em bocca de anjo!
Não se exprimia com grammatica, mas falava com sentimento, e muita abundancia de perdigotos.

Gilberto dormia a sésta.
Os pequenos rodeavam o tuti-li-mundi, encavalados nas cadeiras; empihlhados uns sobre os outros.

Com o declinar do dia, justamente á hora do recolher das galinhas, os manos começaram a olhar para o relógio.

De quando em quando vinham á sala, abriam meia porta, e como quem espreita diziam:

— Então menina vamo-nos chegando que ainda temos que andar.
Ao que D Perpetua observava sempre:

— Pois já?
Os pequenos protestavam, fazendo lamuria.

Os paes intrepunham a sua auctoridade.
— Accomode-se, o menino amanhã tem aula e ainda não estudou a lição.

Esta só palavra bastava para os entristecer.
Fazia-se então n'aquelle rancho infantil um silencio mortal.

Gilberto continuava dormindo a sésta.
D. Perpetua levantava-se lestante, e ia á mezinha do toucador buscar

o mólho de chaves. De passagem cobria o marido.
As manas tinham passado á casa do toilette.

Os manos já estavam no patamar perguntando uns aos outros: como que já esquecidos de passados protestos.

— Então até quando?...
Mas nenhum se atrevia ainda a responder.

— Nós temos chuva, observavam com o que á procura de melhor assumpto.

D. Perpetua de passagem metti a cabeça para a escada, onde elles estavam e dizia:

— Que pressa manos!
— Vamos-nos chegando, vamos.

E o mano Manuel dizia ao mano João:
— Eu cá não jantei nada.

Ao que elle lhe voltava:
— Desforra-te domingo.

E todos ficavam como que indecisos em face d'aquelle problema que a um tempo os assustava.

Seria proprio do brio d'elles depois d'aquellas inconveniencias e grosserias de Gilberto, continuarem a visita-o como até alli periodicamente, de papo feito para lhe comerem o jantar?

A porta da saleta abriu-se de par em par, e appareceram as senhoras.
Na frente vinha D. Perpetua com o mólho das chaves.

— Então vamos lá? disseram os homens.
— Vamos, vamos.

A rapaziada avançava na frente dirigindo-se ao portão, e ajudando-se uns aos outros para poderem melhor chegar ao trinco.

— Accomodem-se meninos, dizia D. Perpetua encaminhando-se para a dispensa.

O rancho das manas ia atraz d'ella.
Então os homens levantaram o feicho do portal sorrindo entre si, foram agrupara-se fóra do passeio, a meio da rua, olhando para os astros, como quem toma ventos e fazendo as suas observações astronomicas apontando com os chapéus de chuva e as bengalas.

Alguns diziam falando de Gilberto:
— Aquillo é genio seu, não se deve fazer caso.

— Pois de certo.
Na dispensa as manas pediam a D. Perpetua que não se incomodasse, e regalavam-se só do bello cheiro que alli havia.

— Que consolação mana, nada ha como a abundancia!
(Continúa)

Leite Bastos.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — PONTE SOBRE O ZEZERE, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

New-York a *Lucrecia Borgia*. Pois no ultimo acto, quando Lucrecia mostra aos que a ultrajaram os tumulos que mandou preparar-lhes, os ataudes abriram-se e os espectadores puderem ler n'elles, em grandes letras: *A melhor colla liquida é de William son, da rua de...* — Imagine-se se isto succedesse em Portugal a enorme pateada que levantaria; na America achou-se natural, e provavelmente alguns applaudiram, risinhos, tão sagaz lembrança.

OBSERVATORIO DAS FILIPINAS. O governo hespanhol acaba de ordenar o estabelecimento, nas Filipinas, de 13 estações meteorologicas, subordinadas ao magnifico observatorio da companhia de Jesus em Manilha. A subvensão concedida no orçamento da colonia é de onze mil piastras por anno.

TELEPHONIO. A respeito do estabelecimento do serviço telephonic entre Lisboa e Porto, diz um periodico francez, que, em França, estas installações não se fazem, graças á incuria do seu governo, e á mesquinhez do sr. Cochery, ministro dos correios e telegraphos. E queixamo-n'os do que se passa por cá!

JARDIM ZOOLOGICO E DE ACCLIMAÇÃO. Tem continuado o publico a concorrer áquelle delicioso parque afim de gozar não só a fresca, mas tambem a vista dos diversos animaes que alli já se admiram. É pena que se não tenha pensado em arranjar aquarios, afim de se recolherem as especies que abundam nas nossas costas, entre as quaes ha algumas desconhecidas. Logo que a direcção se ache mais desapressada dos trabalhos de installação, achamos que deve ser o seu principal cuidado tratar d'este importante assumpto, para corresponder não só ao favor publico, que tem coroado os seus esforços, mas á necessidade da instrucção, fim principal da empresa.

DUQUEZA DE PALMELLA. Folgamos quando o paiz é representado dignamente no estrangeiro, nas suas manifestações scientificas, litterarias ou artisticas, e muito mais nos orgulha quando quem o representa é uma senhora. A sr.^a duquesa de Palmella, de cujo talento artistico já temos dado especimens, nomeadamente a pag. 25 do nosso 2.^o volume, obteve este anno uma grande distincção e que é uma gloria para o paiz, vendo os seus trabalhos acceitos com louvor pelo jury de admissão na exposição annual de Bellas Artes em Paris. O nosso periodico reproduz hoje uma das estatuas apresentadas pela talentosa fidalga-artista.

A HOLLANDA E ALLEMANHA. A doença do principe de Orange trazia inquieta a opinião publica na Hollanda, tendo-se assegurado que se havia feito um tratado entre esta e a Belgica, para se consolidarem as duas corôas em uma só cabeça, afim de se prevenirem os riscos das pretensões absorventes da Allemanha sobre a Hollanda e da França sobre a Belgica, e até é muito de presumir, que, apesar das bravatas sempre espalhadas pelos francezes

quanto á futura *revanche* da Alsacia e Lorena, estas sejam definitivamente sacrificadas á ambição do seu governo, não nos devendo esquecer que nos negocios exteriores o sr. de Bismarck parece favorecer a França. O principe de Orange, o herdeiro da corôa de Hollanda faleceu, e sua irmã é agora a natural herdeira. Mas o sr. de Bismarck que não perde ponto e quer os portos de Hollanda para a Allemanha, enviou, para aquella, como embaixador seu proprio filho Herbert. Esta maneira de fazer vigiar a Hollanda, diz um periodico estrangeiro, como um herdeiro que habita em parte distante, faria vigiar um moribundo por um dos seus proximos parentes, não deixa de ter verdadeira originalidade. Ao mesmo tempo serve de testemunhar o pouco caso que o sr. de Bismarck faz da opinião publica da Europa.

ENSEÑANZA CATHOLICA. É o nome de uma sociedade hespanhola de instrucção e que actualmente, com o capital de noventa contos de réis, construe um collegio em Bilbao. As obras marcham com muita rapidez.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CUENTOS FILIPINOS, por Don José Montero y Vidal (segunda edicion), Madrid, Tip. del Asilo de Huerfanos del Sagrado Corazon de Jesús, 68, Atocha, 1883. 8.^o de iv, 321 pag. e 1 de indice. São nove os contos que encerra este livrinho, de agradável leitura, e que tem a especialidade de, sob uma fôrma amena, nos pintar ao vivo os costumes, tão pouco conhecidos, das ilhas Filipinas, uma das preciosidades colonias da Hespanha, dando-nos ao mesmo tempo noticia da sua historia, das suas principaes povoações e edificios, das suas produções, e iniciando-nos tambem na litteratura popular e na estatistica. Com arte soube o auctor ligar estes elementos, de modo que se recebem noções exactas e prestadias, ao mesmo tempo que se distrahe o espirito em scenas mais ou menos engraçadas ou dramaticas.

A ASTRONOMIA PHOTOGRAPHICA, dissertação por Ernesto de Vasconcellos, segundo tenente da armada, engenheiro hydrographo. Lisboa, typographia da Viuva Sousa Neves, 65, rua da Atalaya, 67, 1884. 4.^o de viii (innumerados), 48 pag. E já muito conhecido o auxilio que a photographia tem prestado á astronomia, desde que Arago, aproveitando com previdencia superior o famoso descobrimento de Daguerre, applicou o seu processo a retratar o sol. A photographia dos diversos astros, porém, com quanto importante, não tem sido o unico objectivo dos astrónomos, importantissima é a representação dos diversos phe-

nomenos que se operam em periodos rapidos, e que é necessario obter instantaneamente. Colligidos os elementos photographicos, são valiosissimos os corolarios que a sciencia d'elles deduz, e á photographia se devem os progressos pasmosos que a astronomia tem feito n'estes ultimos tempos. O auctor escolheu bem o assumpto para a sua dissertação, condensando no seu trabalho uma noticia geral do assumpto.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, nouvelle revue internationale européenne, par M. le baron Stock 3.^o vol., 1.^{er} sem., num. 13 et 14. 1.^{er} et 7 juin 1884. Contem: *Un dialogue romain*, Emilio Castelar; *Le 8.^{me} péché capital*, M. L. Rute; *La Melle Isabelle Roma Ratazzi*, vers inédits de Giovanni Prati; *Lettre d'Egypte*, Mariano Ortega Morejon; *Le parlement espagnol*, L. R.; *Don Cristino Martos*; *Exposition de Turin*, Jean Ritz; *Bulletin de l'exterieur*, E. Ribera; *Chronique de Madrid*, e de l'Éléance; *Courrier de Paris e de Lisbonne*; *Bibliographie*; e as traducções do *Primo Basilio*, de Eça de Queiroz, e da *Historia do Estabelecimento da Inquisição*, de Alexandre Herculano.

A INDUSTRIA VIMARANENSE, folha unica, publicação da imprensa vimaranense, commemorando a abertura da primeira exposição industrial de Guimarães. 10 paginas, contendo artigos de varios escriptores conhecidos, das redacções de varios periodicos e terminando com o programma da exposição. É uma saudação entusiasta a este grande certamen da industria.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRITORES PORTUGUEZES, fundada em 10 de junho de 1880. 1.^a serie, n.^o 1, 10 de junho de 1884. Lisboa, typographia de Eduardo Rosa, 150, Rua Nova da Palma, 154. 1884. Cada anno da existencia d'esta sociedade, iniciada por Eduardo Coelho, e a que Antonio Rodrigues Sampaio deu impulso, quando disse a 10 de junho de 1880 — *está fundada a associação* —, tem sido assignalado por dois factos singulares: redução no numero dos socios, e desenvolvimento dos trabalhos da associação. Ainda o anno passado creava uma especie de lyceu, ou mais do que um lyceu, e agora, depois de quatro annos de desejos e tentativas, começa a publicar o seu *Boletim*. É o 1.^o numero como que uma saudação e prologo de trabalhos futuros e encerra artigos dos srs. Mendes Leal, J. Miguel dos Santos, M. Ferreira Ribeiro, Dr. Baldy, Brito Rebello, Cunha Seixas, Zephyrino Brandão, Costa Sequeira, C. Goodolphim, Rodrigues Cordeiro, Affonso Vargas e Candido de Figueiredo. Prosperidade e boa fortuna é o que nós lhe desejamos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA